

Crátilo e a Origem dos Nomes¹

Mary Julia Martins Dietzsch

FEUSP

mdietzsc@usp.br

RESUMO

O texto apresenta uma discussão a respeito do diálogo platônico: *Crátilo: sobre a justeza dos nomes*. Nesse diálogo, Sócrates discute com Hermógenes e Crátilo a respeito da origem dos nomes. Se para o primeiro, o nome é o resultado de uma convenção, para Crátilo, os nomes fazem parte da natureza dos objetos. Reflete-se nas falas dos dois contendores, guiados por Sócrates, o interesse filosófico dos gregos pela linguagem que se perguntavam se seria o nome resultado de uma convenção, ou um produto da natureza. Sem apresentar uma resposta definitiva para a questão, a discussão que se encaminha no diálogo a respeito da linguagem e do conhecimento responde por sua importância e atualidade, como entendem estudiosos do tema.

Palavras chave: origem dos nomes, linguagem, antigüidade grega

A literatura é a exploração do nome: Proust fez sair todo um mundo desses poucos sons: Guermantes. No fundo, o escritor tem sempre em si a crença de que os signos não são arbitrários e que o nome é uma propriedade natural da coisa: os escritores estão ao lado de Cratilo, não de Hermógenes.

Roland Barthes, 1970

De onde a pujança e o encantamento da palavra se perguntavam os gregos. Efeito de leis humanas? Prodígio da natureza? Os gregos tinham um interesse filosófico pela linguagem e raciocinavam sobre sua condição original. Durante séculos, desde os pré-socráticos até o renascimento aristotélico, as discussões a respeito da linguagem eram perpassadas pelo questionamento entre natural e convenção. Ser *natural* significava ter origens em princípios eternos e imutáveis fora do próprio homem, e por isso invioláveis. Por *convencional* entendia-se o que resultava do costume e da tradição, advindos de algum acordo tácito, ou de um contrato social, praticado por membros da comunidade. Acordo que, se uma vez feito pelos homens, poderia por ele ser modificado, violado.

¹O presente artigo é parte de um capítulo da tese de Livre Docência intitulada “Era uma vez a Palavra”- Dietzsch Mary J. M., Feusp 2003. Nesse capítulo discute-se o Crátilo – diálogo platônico sobre a justeza dos nomes. (Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1994 – tradução do grego: Pe. Dias Palmeira)

No caminho desse questionamento, delinea-se o “Crátilo”², diálogo sobre a justiça dos nomes, escrito por Platão no período de transição entre a sua juventude e a idade madura. A atitude socrática lógico-ética dos seus primeiros diálogos, amplia-se, nesse período, com a preocupação política e com uma visão filosófica do mundo, a sofística constituindo-se no inimigo que Platão pretende atingir. Sua meta é interferir no poder que tinham os sofistas de intervir na formação política do cidadão ateniense.

As três personagens que compõem a cena e assumem a palavra no diálogo são inspiradas pelas figuras reais de Sócrates, Hermógenes e Crátilo. Segundo estudiosos do texto platônico, Hermógenes é um discípulo fiel de Sócrates a quem Platão apreciava mais pelo caráter que pela inteligência. Ainda que dotado de certa esperteza natural que o capacita à percepção da atitude séria ou irônica de Sócrates, o personagem é refratário às sutilezas da dialética e pouco capaz de enfrentar uma discussão com Sócrates. No diálogo, o fato de ser chamado de Hermógenes desencadeia a ironia de Crátilo, pois se tal nome, etimologicamente, significa “Filho de Hermes”, deus da eloquência, no diálogo Hermógenes é caracterizado como um indivíduo médio, sem grandes atributos intelectuais.

No diálogo com Sócrates, Crátilo, discípulo de Heráclito, afirma a adequação dos nomes aos entes nomeados e Hermógenes propõe que os nomes são atribuídos aos seres por convenção, doutrina que predomina em Atenas do V século, época em que as leis provinham de um legislador individual como Sólon, ou de decisões da Assembléia. (Schuller, Donald, 1965)

De acordo com alguns estudiosos, Crátilo foi mestre de Platão antes de Sócrates e era discípulo de Heráclito, cuja doutrina a respeito da mutabilidade das coisas, e levou ao exagero.³ Na discussão com Sócrates apresenta-se como um sofista orgulhoso que teima em desconhecer a superioridade de seu adversário; em alguns momentos, a vaidade chega a obscurecer suas possibilidades para perceber traços da ironia socrática. É Sócrates quem de fato conduz o diálogo e ainda que na obra de Platão seja sempre identificado pelas perguntas argutas, pelas repostas cautelosas e pelo raciocínio seguro de quem sabe aonde quer chegar, no Crátilo, outras características aliam-se a essas qualidades, como afirma Dias Palmeira.

*“Outros diálogos há, certamente, em que Sócrates dá provas de uma perspicácia idêntica; mas talvez nenhum, em que e mostre tão jovial e espirituoso, como no Crátilo. Todavia, se a sua personalidade permanece a mesma, o assunto é novo pra ele; nunca pensou em etimologias ou na filosofia da linguagem, nem na Teoria das Formas. Aqui já é Platão quem fala pela sua boca”.*⁴

Quando surgiu o “Crátilo”, o contraponto que se estabelecia no confronto das duas posições a respeito dos nomes - uma delas entendendo a linguagem como o resultado de uma convenção e a outra considerando os nomes, como uma representação exata dos objetos - já fazia parte de idéias como as de Demócrito e Heráclito, além de dar origem a

² A leitura e informações a respeito do Crátilo foram realizadas e obtidas por meio das traduções e notas de Carlos Alberto Nunes, Belém, Universidade Federal do Pará, 1973; e de Padre Dias Palmeira, Lisboa, Livraria Sá a Costa Ed. 1994 e de trabalhos como os de Julia Kristeva, Donald Schuller, entre outros.

³ Segundo Diógenes Laércio (Laércio, Diógenes, “*Vidas opiniones y sentencias de los filósofos más ilustres*”. Buenos Aires, El Ateneo Ed. 1947), com vinte anos Platão se fez discípulo de Sócrates. Com a morte do Mestre foi para a escola de Crátilo, discípulo de Heráclito e para a de Hermógenes, que seguia os dogmas de Parmênides.

⁴ PLATÃO. *Crátilo*. Tradução Palmeira, Dias, Livraria Sá Costa Ed. 1994 p. LXIX

uma extensa obra de Antístenes, um crítico da Teoria das Idéias. Assim, é possível admitir que Platão tenha pretendido mostrar jocosamente a inconsistência das duas teorias. Tais informações talvez expliquem o tom irônico e até humorístico que se entrelaçam intimamente com os aspectos sérios do diálogo, o que torna difícil separar as expressões de seriedade daquelas que se enredam pelo humor.

Se por um lado, essa interação seriedade e humor trazem dificuldades à interpretação do diálogo, por outro, pode refletir a própria visão platônica a respeito da linguagem. O diálogo chega ao final sem que Sócrates defina uma posição clara em favor das teses defendidas por Hermógenes, que vê os nomes como o resultado de uma convenção, nem das de Crátilo que defende que os nomes são estabelecidos em conformidade com a natureza das coisas.

Na visão de Julia Kristeva (1969), Platão tenta conciliar as duas teses postulando que a linguagem é uma criação humana e, neste sentido convencional. Entretanto, ao advir da essência das coisas que representa, torna-se uma obrigação, uma lei para a sociedade. O nome tem então o sentido de lei, costume, uso. Para o filósofo, falar é distinguir-se das coisas exprimindo-as, dando-lhes nomes. Nomear sendo o ato que dá lugar à fala.

Investidas de ironia e humor as argumentações de Sócrates parecem rodar em círculo, e quem sabe, simulam uma estratégia que, Platão considera dos sofistas, para combatê-los em um terreno que lhes é próximo? Essa retórica aparente, entretanto, não destitui o método rigoroso traçado por Sócrates ao longo do diálogo, para demonstrar que Platão, ultrapassa a idéia de formação das palavras para abranger o discurso e toda a linguagem, como entende Dias Palmeiras *“E assim Platão, com toda a lucidez e com uma admirável amplidão de vistas, rasga os horizontes a uma primeira filosofia lingüística”*⁵.

O diálogo se inicia com Hermógenes e Crátilo discutindo, quando o primeiro convida Sócrates a participar do debate e explicita o que vem dizendo Crátilo em referência à origem dos nomes. Diz Hermógenes:

“Este nosso Crátilo, Sócrates, opina que existe, naturalmente, uma designação justa para cada um dos seres; e que o seu nome não é aquele por que alguns convencionalmente os designam, servindo-se de uma parcela de sua linguagem; ao contrário, segundo ele, existe naturalmente, tanto para Gregos como para Bárbaros, uma justeza de designação idêntica pra todos.”

Face a tais afirmações de seu contendor, Hermógenes pede a Sócrates que se manifeste a respeito da justeza dos nomes uma vez que Crátilo, além de tratá-lo ironicamente, resiste em responder diretamente às suas questões; ademais, finge ter pensamentos que se expostos com clareza, obrigaria Hermógenes a concordar com ele. Quando perguntado, se para todos os homens, o nome que se aplica a cada um é o seu verdadeiro nome, replica Crátilo: *“Não; pelo menos o teu não é Hermógenes, ainda que todo mundo o chame desse modo”* com tal resposta insinua a contradição que existe entre o nome Hermógenes e do deus Hermes, do qual se origina, cujo significado indica eloqüência e inteligência.

Sócrates se introduz no diálogo em resposta ao convite de Hermógenes e, com sua fala parece incentivar o seu inquiridor, ao afirmar que as coisas belas são difíceis de se aprender e que o estudo dos nomes é tema de especial importância. Quanto às insinuações

⁵ DIAS PALMEIRA, 1994. op. cit p. CVIII

feitas por Crátilo a respeito do nome Hermógenes, considera que não passam de uma facécia. Dizendo-se ainda, pouco conhecedor do tema em debate, Sócrates numa alusão, que certamente se endereça aos sofistas ironiza:

“Se eu pudesse ter ouvido a aula de cinqüenta dracmas de Pródico, suficiente, por si só, como ele afirma, para deixar os ouvintes completos nessa matéria, nada te impediria agora de ficares sabendo a verdade sobre a exatidão dos nomes. Como eu, porém, só ouvi a preleção de uma dracma, por isso, não sei onde esteja a verdade quanto a esta matéria; estou contudo pronto a investiga-la, na tua companhia e na de Crátilo”⁶

Na continuidade do debate, Sócrates objeta à fala de Hermógenes. Este considera a justeza dos nomes como o resultado de uma combinação e de um ajuste, que dependem do costume e do hábito e não da natureza do que está sendo nomeado. Ao afirmar que é possível dizer o que é e o que não é, por meio da palavra, Sócrates conduz Hermógenes a compreender que tanto as proposições, quanto suas partes, no caso, os nomes, podem ser verdadeiros ou falsos, não importa que sejam definidos pela lei e pelo costume. E logo indaga:

“Será que o nome pelo qual todos designam um objeto é o nome desse objeto, este tendo, dessa forma, tantos nomes quantos parecerem a cada pessoa, diferentemente?”

Se como quer Protágoras, o homem é a medida de todas as coisas, não se deve concluir que cada homem verá as coisas como essas lhes parecerem? Ou será que a essência delas terá alguma permanência? O Filósofo complementa suas questões, referindo-se à inverdade do que dissera Protágoras, com o exemplo de que se entre dois homens um pode se revelar ser mais sensato do que o outro, tal fato não poderia ocorrer se as diferentes opiniões de cada um deles fossem tomadas como a verdade. Ao comparar a diferenciação entre os homens, neste momento do diálogo, Sócrates emite mais uma vez sua opinião sempre com o assentimento de Hermógenes: *“Ora, se as coisas não são semelhantes ao mesmo tempo, e sempre, para todo o mundo, nem relativas a cada pessoa em particular, é claro que devem ser em si mesmas de essência permanente, a qual não se relaciona conosco nem depende de nós...”*

No intervalo da discussão, Sócrates estende a idéia da permanência da natureza das coisas para os atos a elas referentes e advoga que falar é um ato. Nomear - que faz parte do falar - também é um ato, pois implica uma espécie de ação com relação aos objetos. Assim sendo, as coisas devem ser nomeadas pelo modo natural e pertinente de nomeá-las e não à revelia de nosso desejo. E se todos os atos têm um instrumento adequado para sua realização, o que for preciso nomear não deveria também ser nomeado com alguma coisa, com um instrumento.? Portanto, *“o nome também é um instrumento para informar a respeito das coisas e para separá-las, (distingui-las) tal como a lançadeira separa os fios da tela”.*

⁶ Como anota Dias Palmeira, (op. Cit.) Pródico era célebre em distinções sutis entre sinônimos. E a respeito dele diz Platão no Hípias Maior (282 c) *...depois de muitas outras diferentes embaixadas, veio finalmente parar aqui (Atenas) enviado por seus concidadãos de Ceos; e, ao mesmo tempo que as suas arengas perante o conselho dos Cinqüenta o cobriam de glória, fazia preleções privadas aos jovens, dos quais recebia somas fabulosas.* Pródico é ainda referido por Platão no Protágoras e por Aristóteles na Retórica : *Pródico disse que, quando via os ouvintes a dormir, inseria no discurso algumas palavras tiradas da sua preleção das cinqüenta dracmas.*

Mas a quem cabe o trabalho de nomear, volta-se Sócrates para Hermógenes, enquanto indica uma série de exemplos que envolvem os nomes de instrumentos materiais. Se em relação aos instrumentos existe sempre um homem competente, capaz de executar com arte uma obra da qual poderá se servir um determinado artífice, como por exemplo o marceneiro ou o ferreiro, não seria o mesmo em relação ao nome? Neste caso, quem é o autor da obra da qual um bom instrutor se utilizará ao servir-se do nome? Hermógenes diz não ter a resposta e ouve de Sócrates: *“Estabelecer um nome não pertence a todo o homem, mas apenas a um artista de nomes; este, em meu parecer, é o legislador, o mais raro dos artistas entre os homens”*.

Esse artista, o mais raro, diferencia-se de outros homens por sua arte de saber formar com os sons e as sílabas o nome, por natureza, apropriado para cada objeto. A ele importa, de olhos fitos apenas no nome, criar e estabelecer todos os nomes se quiser ser um autorizado criador dos nomes. Entretanto, se cabe ao legislador a arte de nomear, compete a quem se utilizará do nome, ou da palavra, a arte de julgá-la.

Como ocorre, por exemplo, com a lançadeira e com os outros objetos, cabe a quem se servirá do objeto e não a quem o fabricou, reconhecer a sua adequação e eficiência. E se com os outros instrumentos materiais, quem sabe indicar a melhor maneira de executá-los e julgá-los depois de concluída a obra é aquele que a utiliza, o mesmo deverá ocorrer com os nomes. Neste sentido, quem será mais capaz de dirigir os trabalhos do legislador e julga-los, é o homem que faz uso da palavra, ou seja, a pessoa que sabe interrogar e responder, ou seja: o dialético. Portanto, assim como a função do carpinteiro é a de fabricar lemes sob a direção do piloto, a função do legislador é a de dar nomes, sob a direção do dialético, caso deseje criá-los com acerto.

Prosseguindo em seus argumentos, Sócrates tenta convencer Hermógenes de que Crátilo tem razão quando diz que os nomes são naturalmente inerentes às coisas e que nem todo homem é artista de nomes. Poucos são capazes de olhar para cada coisa e seguindo sua natureza reduzir sua forma a letras e sílabas. E nesse momento do debate, fica evidente a impotência de Hermógenes para sustentar o diálogo com Sócrates. Mas ainda que declare sua insegurança frente à asserção do Mestre, menciona ser difícil convencer-se, assim tão prontamente, do que pensa Crátilo. Solicita, pois, o exemplo de uma forma material, que informe, com certeza e concretude, a respeito da justeza natural dos nomes.

Face ao pedido de Hermógenes, Sócrates diz não conhecer tal resposta precisa, que possa demonstrar a exatidão dos nomes e tenta retomar a discussão, convidando Hermógenes a refletir com ele sobre opiniões que já vinham discutindo. Mas, talvez pressentindo a pouca desenvoltura de seu interlocutor para refazer o caminho do pensamento já elaborado, o Filósofo reequipa suas armas e desfecha, mais uma vez, o ataque aos sofistas, referindo-se ao irmão de Hermógenes:

“A mais segura reflexão amigo, é a que se faz na companhia de sábios, pagando-lhes com dinheiro, com agradecimentos de crecência. Esses tais são os sofistas, com quem teu irmão Calias gastou tanto, que chegou a alcançar reputação de sábio. Como, porém, não dispões dos bens paternos, forçoso é que adules teu

irmão e lhe supliques ensinar-te o que é certo nesse domínio e que ele aprendeu com Protágoras.”⁷

Hermógenes, contesta prontamente a sugestão e alega que, se rejeita em sua totalidade a verdade de Protágoras, não poderia aceitar, como digno de qualquer apreço, o que fosse dito em seu nome. Ouve, então, a sugestão de consultar Homero e outros poetas que, em muitas passagens plenas de beleza, distinguem os nomes dados pelos homens e pelos deuses às mesmas coisas. Desenvolve-se, a partir daí no diálogo, longo trecho que apresenta e discute a etimologia de diferentes nomes, sejam eles dos deuses, dos fenômenos naturais e das noções morais. À etimologia dos nomes são associadas e atribuídas diferentes justificativas para sua origem.

Na seção, em que se busca a origem dos nomes dos deuses, vale mencionar duas referências feitas por Sócrates a Heráclito e a Hermes. No primeiro caso, quando explica a origem do nome da deusa Hestia,⁸ em algumas variações como *essia*, *ôsia*, *ousia*⁹, admite-se que o uso de uma determinada variação signifique, por parte do usuário, o julgamento de que todos os seres, como o entende Heráclito, estão em movimento e que nada permanece firme. Nesse sentido fala Sócrates:

“Parece-me que vejo Heráclito a enunciar velhas e sábias sentenças, precisamente as do tempo de Cronos e de Rea, as quais também Homero enunciara... Heráclito afirma, creio eu, que todas as coisas passam e que nada permanece; e, comparando os seres a uma corrente fluvial, diz que não poderias entrar duas vezes no mesmo rio.”

Mais adiante, depois de examinar os nome de muitos dos deuses gregos, Sócrates busca explicar o nome de Hermes que parece estar relacionado ao discurso. Nome que pode significar ser intérprete, mensageiro, cleptomaniaco, embusteiro e dado ao negócio; qualidades essas que se assentam exclusivamente no poder da palavra. Homero em muitos lugares utiliza a palavra *maquinar*, inventar para referir-se a Hermes. Das expressões falar e inventar é que o legislador se utilizou ao nomear esse deus, que imaginou a linguagem e o discurso. Assim invoca os homens: *“Oh! homens, com razão deveríeis chamar ‘Eiremes àquele que imaginou a palavra’; nós porém, chamamos-lhes Hermes, embelezando-lhe assim o nome, em nossa opinião”*. Frente ao pronunciamento de Sócrates, Hermógenes admite compreender a razão que induz Crátilo a dizer que o seu nome não era Hermógenes, pois não lhe fora facultado o dom da palavra.

⁷ Conforme Diógenes Laércio (op. cit p, 581) Protágoras foi o primeiro a dizer que em todas as coisas há duas razões contrárias entre si. Segundo ele o homem era a medida de todas as coisas; das que existem como existentes; das que não existem como não existentes. E a alma não era outra coisa se não os sentidos, como também disse Platão no *Teeteto*.

Na afirmação de Dias Palmeira (op. cit. p. LXXXVIII) Hermógenes era filho de família nobre, mas ao contrário de seu irmão Calias, um homem rico, que costumava reunir em sua casa os sofistas, vivia em condições precárias., o que teria levado Sócrates a pedir ao amigo Diodoro que o socorresse, com a promessa de que teria nele um amigo certo e dedicado.

⁸ Em seu livro *Mito e Pensamento entre os Gregos* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990 p. 151) Jean-Pierre Vernant escreve: *“Héstia,- nome próprio de uma deusa, mas também nome comum que designa a lareira – prestava-se menos que os outros deuses à representação antropomórfica. Raramente nós a vemos figurada. A Héstia, Zeus concedeu o direito de sentar-se no trono no centro da casa. Mas Hestia constitui, além do centro do espaço doméstico, símbolo e garantia de fixidez, de permanência...Ponto fixo, centro a partir do qual o espaço humano se orienta e se organiza...”*

⁹ *Essia* ou *esia* é um sinônimo de *ousia* e de *dor*, *ôsia*. A forma *ousia*, foi usada frequentemente por Platão com o significado de *ser em si, essência do ser, bem como ôsia, que correspondem m ao latim essentia*.

Também Pan,¹⁰ o filho de Hermes, apresenta uma dupla natureza, explica Sócrates a Hermógenes, ao dizer-lhe que o discurso não só exprime tudo, gira e circula sempre, mas é também de duas espécies: verdadeiro e falso. O que tem de verdadeiro é divino e habita, no alto, entre os deuses, mas o falso mora cá em baixo, entre a maioria dos homens, por ser rude como o bode da tragédia. É, realmente, no domínio da tragédia que se encontram muitas das das fábulas e mentiras.¹¹ Pan que é macio em cima e áspero ou trágico em sua porção inferior, é discurso ou irmão de discurso, se de fato é filho de Hermes.

O diálogo passa então a versar sobre a origem do nome dos astros, e dos fenômenos naturais, iniciando-se pelo nome *sol*, antes que Hermógenes peça a Sócrates que explique a razão de ser de palavras como: prudência, inteligência, justiça. De acordo com o pedido, o Mestre propõe-se a analisar *o pensamento, a inteligência, o conhecimento, a ciência* e todos os outros belos nomes que foram sugeridos e lembra que sem a noção de passagem, movimento e geração, nenhum desses nomes poderiam ser criados.

No exame da palavra *pensamento*, Sócrates explicita que este indica precisamente percepção de movimento e de fluxo, podendo significar também o que ajuda o movimento. Ao decompor a palavra tal como é composta em grego e observar modificações em sua forma ao longo do tempo, verifica-se também o seu sentido de exame e consideração da geração, uma vez que examinar e considerar é a mesma coisa. Pode ainda equivaler ao desejo de novidade, se no domínio das coisas, novidade significa que estão em constante devir. Considerando-se as variações sofridas pela forma da palavra *conhecimento na língua grega*, chega-se à análise de *Epistemê*: ciência, que mostra a alma como que seguindo as coisas em seu movimento, sem se atrasar, nem correr adiante delas.

Continuando o diálogo, à queixa de Hermógenes de que se estende demais em explicações, Sócrates retoma ainda alguns vocábulos para examinar e, encorajando o seu interlocutor, insiste para que não se desanime e continue com suas perguntas. A esse apelo, Hermógenes quer se informar sobre os nomes que considera os mais nobres e belos como: “Verdade, Mentira, Ser e o que constitui o próprio objeto do estudo que empreendem, qual seja, a palavra *Nome*. Sócrates responde que o vocábulo *ónoma* (nome) é uma proposição concentrada, que afirma a existência do ser (ón) que se investiga. *Ónoma* é o ser que constitui o objeto da investigação.

“Compreenderá mais fácil isso mesmo naquilo que chamamos onomastón (a ser denominado) porque o termo diz aqui, claramente, que o ser é aquilo acerca do qual se faz a investigação”.

A justeza dos nomes é só uma, tanto para os nomes primitivos, quanto para os derivados diz Sócrates e tal justeza consiste apenas “*em revelar a natureza de cada um dos seres*”. Entretanto, se os derivados só por intermédio dos primitivos é que poderão

¹⁰ Em sua obra “*The Greek Myths – II*, Penguin books, 1960 – p.101, Robert Graves comenta a respeito das muitas versões que se referem ao nascimento de Pan, filho de Hermes, não se sabendo bem quem seria sua mãe. Metade homem, metade cabra, diz-se que era tão feio ao nascer que o pai levou-o ao Olimpo para diversão dos deuses. Pan morava na Arcádia, onde guardava rebanhos, colméias, tomava parte nos festejos das ninfas e ajudava caçadores a encontrar suas caças. Pan seduziu várias ninfas, entre elas Eco, que teve um triste fim com seu amor por Narciso.

¹¹ Segundo Dias Palmeira (op. Cit), Platão visa aqui Homero, Hesíodo e outros poetas, duramente criticados na República (377 d) porque foram autores das fábulas mentirosas que se contavam e ainda se contam aos homens.

cumprir essa função de nomear, por quais caminhos, sem ter um apoio anterior, poder-se-ão os seres, se de fato eles devem ser nomes, serem indicados com a maior clareza possível?

“Se não tivéssemos nem voz nem língua e quiséssemos indicar as coisas uns aos outros, não tentaríamos, porventura, isso, como os mudos, fazendo sinais com as mãos, com a cabeça ou com o resto do corpo?”

Para responder a tal questão, é apresentada uma série longa de exemplos e sugestões, até que se introduza no debate a idéia de *representação*: se para representar qualquer coisa, utiliza-se o corpo, imitando o que se quer representar, “*um nome, portanto, como parece, não passa de uma imitação, por meio da voz, daquilo que imita e nomeia o imitador, sempre que se serve da voz para imitar*”.

Nome é a imitação, por meio da voz daquilo que nomeia e imita o imitador. O nome também é um revelador da essência das coisas, porque se lhes assemelha, afirma Hermógenes, mas Sócrates discorda, com a questão: Não possui cada coisa, em teu parecer, uma essência própria, assim como a cor e outras propriedades? Se pudéssemos imitar, por meio das letras e das sílabas, a essência própria de cada coisa, mostraria porventura, cada uma o que é em si ou não? O nome parece possuir uma certa exatidão natural e não compete a toda a gente saber aplicá-lo corretamente a qualquer objeto.

Cada uma das coisas tem som, forma, e muitas delas também cor e podem ser imitadas pela música e pela pintura. Se cada coisa tem uma essência própria, assim como uma cor e outras propriedades, cada uma dessas propriedades tem uma essência, do mesmo modo que todas as outras coisas que merecem o apelativo de *ser*. Diz Sócrates: *Se pudéssemos imitar, por meio das letras e das sílabas, a essência própria de cada coisa, mostraria, porventura, cada uma o que é em si ou não?*

A pergunta é, positivamente, respondida por Hermógenes e a primeira parte do diálogo vai se estendendo com a análise da linguagem e da palavra em seus elementos, sugerindo-se que primeiro se distingam as vogais, depois os elementos privados de som e de ruído e assim por diante. Faz-se importante também discernir todos os seres a que se devem impor os nomes de modo a verificar a possibilidade de resumi-los em categorias.

Com um ponta de ironia, Sócrates retoma o debate para por em dúvida, algumas de suas próprias afirmações já feitas ao longo da discussão e afirma:

Eu creio, ó Hermógenes, que há-de parecer ridículo explicar as coisas por meio de letras e de sílabas, como se estas fossem uma imitação delas. Todavia assim é necessário; porquanto não temos nada melhor a que nos possamos referir acerca da verdade dos nomes primitivos, a não ser se o preferes, que imitemos os autores dramáticos, que, quando se vêem em apuros, recorrem a máquinas e elevam deuses ao ar. Do mesmo modo tiremo-nos também de dificuldades, dizendo que os nomes primitivos são uma instituição dos deuses e daí lhes advém a sua justeza.”

Sócrates, antepõe-se à própria ironia e passa ao exame dos nomes primitivos a partir de letras que os compõem. Indica, por exemplo a letra *r* como aquela que sugere movimento; a letra *i* como sugestão de sutileza e prossegue com outros exemplos. Propõe ainda que é preciso saber agrupar e relacionar as coisas por suas semelhanças, como

fazem os pintores, operações semelhantes devendo ocorrer ao se acomodar as letras aos objetos, quando nomeados.

Pela afirmação de Sócrates, aparece no diálogo o que está sendo então entendido por linguagem, quando explicita:

“Uma vez formados os nomes e os verbos... comporemos algo belo, grandioso e completo. E do mesmo modo que o pintor reproduziu uma figura por meio da pintura, aqui, também criaremos a linguagem por meio da arte de nomear ou de falar, ou que outro nome tenha”.

Como concluindo a primeira parte do diálogo, Sócrates considera que a partir das possibilidades das letras e noções da língua, como vem explicando, o legislador procede à formação da palavra, parecendo reduzi-la a letras e a sílabas, atribuindo a cada um dos seres, um sinal e um nome, para, em seguida, com esses mesmos elementos compor por imitação os restantes. Reafirma Sócrates: *“Eis Hermógenes, no que julgo consistir a justeza dos nomes, a não ser que este nosso Crátilo pense de outro modo.”* Inicia-se a segunda parte do diálogo.

Hermógenes, que até então debatia com Sócrates, ou melhor, fazia perguntas e concordava sem questionar com o mestre, insiste em trazer para a cena Crátilo. E como já ocorrera no início do debate, critica mais uma vez a atitude de esquivia e a resistência de seu contendor em dizer claramente o que entende por *“haver uma justeza dos nomes”* como vem afirmando.

Ao assumir a fala, Crátilo chama a atenção de Hermógenes, ressalta a dificuldade para aprender e ensinar com rapidez qualquer coisa, sobretudo em se tratando de problema complexo como o que discutem no momento. Ouve de seu interlocutor a máxima de Hesíodo, segundo a qual *“é proveitoso ajuntar pouco ao pouco”*, e se for capaz de duplicar o pouco, não desista de fazê-lo, pois prestará serviço a Sócrates e a ele mesmo.

Mais uma vez, no lugar de quem sabe pouco sobre o assunto, Sócrates incentiva Crátilo a falar. Parece apelar para a vaidade do seu interlocutor e não perde tempo em destilar sua desaprovação aos sofistas, quando diz:

“Na verdade, meu caro Crátilo, eu não poderia garantir nenhuma das afirmações que fiz; examinei a questão, juntamente com Hermógenes, como bem me pareceu. Por isso, anima-te a falar, caso tenhas alguma opinião melhor a expor, na esperança de que hei de concordar contigo. Aliás, não causaria admiração teres noções mais elevadas sobre a matéria, pois quer parecer-me que não somente já meditaste sobre a questão, como tomaste lições a esse respeito com outras pessoas. Se tiveres algo mais belo a expor, inscreve-me como um dos seus discípulos na questão da correta aplicação dos nomes.”

Crátilo confirma ter se dedicado ao estudo e discussão do tema e que poderia, talvez, tomar Sócrates como discípulo, mas ao contrário quer propor-lhe a palavra de Aquiles que na *Íliada* é dirigida a Ajax nas Orações:

“Ajax, da estirpe de Zeus, filho de Telamon, chefe do exército,

*Tudo quanto dizes parece-me ser segundo o meu coração”*¹²

Certamente ironizando, Crátilo retoma uma não menos irônica expressão de Sócrates, apresentada no início do diálogo, em referência à inspiração que lhe proporcionara Eutífrones, um adivinho de Atenas. E continua dizendo que concorda com todas as afirmações que já vêm sendo propostas ao longo da discussão, sejam elas inspiradas por Eutífrone¹³, quer por outra Musa da qual o próprio Sócrates não tenha conhecimento.

Em tom que sugere um gracejo, Sócrates diz se admirar, ele mesmo de sua sabedoria e que mal possa, ele mesmo, nela acreditar. Assim, propõe novo exame da questão e que se faça uma revisão geral de tudo o que já dissera. Afirma que até o momento discorrera a respeito da correta aplicação dos nomes, o que consiste em mostrar como é constituída a coisa, ou seja, que *a justeza de um nome é aquilo que nos mostra uma coisa tal qual é*. Sócrates retoma suas palavras da discussão que vem se realizando e quer confirmar com Crátilo algumas das idéias já expostas.

À aquiescência de Crátilo, pergunta Sócrates: *“Que virtude têm os nomes para nós e que bom efeito lhes devemos atribuir... é então para instruir que os nomes se pronunciam?”* E logo retoma a idéia de que dar nome é uma arte que tem os seus artistas, estes sendo os legisladores. Como em toda arte, há legisladores que executam melhor o seu trabalho e outros que o apresenta com defeitos, o que pode ocorrer também em relação aos nomes e questiona se alguns nomes existem que foram atribuídos com mais propriedade do que outros. Crátilo discorda dessa indagação, pois considera que só merece ser chamado de nome aquele que for estabelecido com precisão; Sócrates rebate, atribuindo a tais palavras ao que é falso. *Porquanto meu querido Crátilo, muitos o afirmam, não só hoje em dia, mas também no passado... se não julgas possível que se digam falsidades, sê-lo-á afirmá-las?*

O diálogo é tensionado, com Sócrates questionando de perto Crátilo e utilizando-se dos argumentos do próprio debatedor, como se pretendesse enredá-lo, para ao final propor-lhe:

“Eia Crátilo,! Vejamos se de algum modo nos entendemos. Poderá tu afirmar que o nome é uma coisa e aquilo que ele designa é outra?... Convirás também que o nome é uma imitação de uma coisa?”

Crátilo concorda e Sócrates continua a criar situações de falas que contestam as idéias de seu interlocutor, acabando por afirmar:

“Vês, portanto, meu caro amigo, que se deve procurar outra espécie de justeza para a imagem e para aquilo de que falamos há pouco e não julgar que a imagem pela adjunção ou omissão de algum pormenor necessariamente deixa de ser Imagem? Ou não percebe quão longe estão as imagens de conterem os mesmos elementos que os seres, dos quais são imagens? Seria com certeza, coisa para rir, ó Crátilo, o efeito dos nomes sobre os objetos, de que são nomes, no

¹² O texto citado é uma referência ao canto IX da Ilíada.

¹³ Quando Sócrates discute com Hermógenes a respeito dos nomes dos deuses e ouve do discípulo um elogio à sua inspiração e sabedoria, ironiza que atribui a Eutífron de Prospalta tais qualidades, porque esteve a escutá-lo depois da aurora. Eutífron, é motivo do diálogo platônico do mesmo nome, como um adivinho de Atenas, de espírito tacanho e fanático, que assumia, às vezes, ares de inspirado e de doutor em matérias religiosas. Era considerado louco e objeto de zombaria.

caso de concordarem em absoluto com eles. Tudo seria duplo e não se poderia dizer qual é o objeto e qual o nome.”.

Crátilo concorda e acrescenta que é melhor o processo de representar por uma imitação semelhante do que por algum processo arbitrário.

Sempre com o intuito de mostrar a diferença entre a imagem e o objeto, Sócrates expõe o que pra ele definiria a *idéia de representação*, ao explicitar *que* na representação geral da Imagem não é necessário, como quer seu contendor, a reprodução de todas as particularidades do objeto, para que se obtenha a sua imagem. Esta não deixa de ser imagem se algo lhe for acrescentado ou subtraído e as imagens estão longe de possuir todas as propriedades dos originais que imitam.

Ao silêncio de Crátilo, Sócrates parece propor a conciliação das oposições de convenção e naturalidade do nome, com as quais se inicia o diálogo. Afirma, que tanto o uso quanto a convenção devem contribuir para a manifestação daquilo que temos no espírito quando falamos. E ainda que sua preferência seja para que os nomes se assemelhem, tanto quanto possível aos objetos, tal tendência, como prega Hermógenes, é um trabalho difícil. Enuncia Sócrates, assim, o que sugere conciliar as duas idéias a respeito da origem dos nomes que se opõem no debate e em muitos outros momentos de discussão sobre a linguagem:

“A mim próprio, na verdade, também me agrada que os nomes sejam, quanto possível, semelhantes aos objetos; mas é de temer que esta tendência pra a semelhança seja, segundo a palavra de Hermógenes, trabalho difícil e se deva empregar o expediente grosseiro da convenção para que se consiga a justeza dos nomes.

Agora, responde-me Crátilo, incita Sócrates:

“Que propriedades têm os nomes e o que de belo conseguimos por meio deles?” Crátilo completa: Sou de parecer que eles instruem, e isto de um modo bem simples; de sorte que quem conhecer os nomes conhece também as coisas. “

Sócrates objeta que conforme já haviam opinado, quem primeiro estabeleceu os nomes, estabeleceu-os segundo julgava que eles fossem, entretanto, se não formasse deles uma idéia exata, como já concordaram’, não se poderia chegar ao conhecimento das coisas a não ser por intermédio dos nomes.

Crátilo opina que uma explicação possível seria dizer que foi um poder sobre-humano que deu às coisas os primeiros nomes e que por isso eles teriam de estar certos. Mas, Sócrates, com o argumento de que essa ultima explicação contradiria a tudo que já fora discutido e explicitado a respeito da justeza dos nomes, leva Crátilo a dizer que talvez os nomes de uma determinada classe não fossem verdadeiramente nomes.

Nessa luta entre os nomes que se apresentam como semelhantes à verdade e outros que afirmam o mesmo de si, sem o serem, que critérios adotar? Sócrates indaga e logo sugere que se procure fora dos nomes qual das duas classes é verdadeira. Concordam os dois contendores que não é dos nomes que se deve partir, mas que as coisas poderão ser conhecidas e investigadas, de preferência, partindo-se delas mesmas.

A linguagem como uma função didática, é um instrumento do conhecimento. O próprio nome é já um conhecimento da coisa. Quando sabemos o nome, sabemos também as coisas. Entretanto, ao advertir Crátilo a respeito do perigo do engano, subjacente a essa

idéia de procurar o significado no rastro dos nomes, Sócrates expõe que o conhecimento deva ser buscado fora dos nomes, levando a argumentação até o ponto de dizer a Crátilo que sua defesa nada prova.

A seguir, Sócrates inquire Crátilo a respeito da exatidão dos nomes, na hipótese de os seres estarem em contínuo passar e em constante transformação, como propõe Heráclito e seus adeptos. Ou, se por outro lado, o sujeito que conhece e o objeto conhecido existem sempre sem seguir esse fluxo contínuo de mudanças. O diálogo se encerra com a fala de Sócrates:

“Nem mesmo é razoável afirmar, Crátilo, a possibilidade do conhecimento se todas as coisas se transformam e nada permanece fixo. ... se a própria idéia do conhecimento se modificar, terá de transformar-se numa idéia diferente do conhecimento, e então não haverá conhecimento. Mas se subsiste a pessoa que conhece e bem assim o objeto do conhecimento, como também, o belo, o bem e todas as demais coisas, não me parece que tudo a que há pouco nos referimos tenha qualquer semelhança com o fluxo ou com o movimento. Se as coisas se passam realmente, desse modo ou da maneira defendida pelos sectários de Heráclito e muitos outros, não é fácil decidir, nem se disporia nenhum homem de senso a entregar-se a si mesmo e a sua alma à tutela das palavras, nem confiaria nelas e nos instituidores de nomes, a ponto de asseverar que sabe alguma coisa e forma juízo desfavorável a respeito de si mesmo e de tudo o mais, com afirmar que nada é são, mas que tudo rola como vaso de barro... É possível Crátilo, que tudo, realmente, seja assim; é possível também que não.

Platão parece responder às concepções dos sofistas para quem a linguagem não enuncia nada de fixo nem de estável, visto que ela própria está em pleno movimento. Na visão de Schuler (1998), em lugar da exposição oral, praticada pelos sofistas, Platão escolhe a escrita. O discurso oral, no momento de acontecer, cria a ilusão do discurso único pleno, eterno.: o discurso das musas e o discurso dos sofistas. Na escrita, o discurso se circunscreve, se objetiva, se limita, se fragmenta. A expulsar poetas, afrontar sofistas, Platão recusa o enunciador autoritário, singular, instaurando enunciadores em lugar dele muitos. Surge o diálogo. De diálogo a diálogo Sócrates muda. Sócrates não é um só. Sócrates é muitos

Pesquisadores afirmam que estaria no final do diálogo as suas mais importantes idéias que traduzem a expressão de conhecimento para Platão. Todo o texto encaminharia para a exposição de uma teoria do conhecimento e estaria aí sua maior importância.

Segundo Nunes (1973), o Crátilo mantém a tese de Protágoras segundo a qual a origem e a natureza das denominações é puramente convencional. A problemática do diálogo não poderá deixar de refletir a concepção da palavra, como unidade elementar e real, que derivou do pressuposto da identidade entre linguagem e realidade. Em oposição aos sofistas, no fortalecimento do platonismo e, em última análise, para consolidação da própria Filosofia, o diálogo termina por abranger a busca do essencial e do primitivo, na mesma rede dialética da argumentação em que se sugere a interdependência da linguagem e do conhecimento.

Não é possível identificar o nome com a coisa nem separá-los completamente, a aporia da diferença ou diaphora. Para dar nome às coisas será necessário conhecê-las; mas para conhecê-las é necessário dar-lhes um nome. É a linguagem que constitui a origem e é na linguagem que se mantém a transcendência da palavra em relação à coisa nomeada. A diferença na identidade, que une e separa, no corpo mesmo dos signos, o significante e o significado. O conteúdo e a forma da linguagem ligam-se por natureza como quer Crátilo ou por convenção, conforme os argumentos de Hermógenes?

O Crátilo dá testemunho das discussões filosóficas que, considerando admitida a separação real e linguagem, se esforçam por estabelecer as modalidades da relação entre os dois termos. Criar palavras consiste em encontrar um invólucro para a idéia já existente. É o legislador que estabelece o nome, conhecendo a forma ou a matriz ideal da coisa. O nome não se aplica diretamente à coisa, mas sim à sua forma ou à sua idéia: prevalência do significado sobre o significante (Schuller, 1998). Separando o real do símbolo Platão cria a área da idéia, e é aí que se move a sua teoria que Aristóteles mais tarde definirá como de ordem lógica. Não obstante, o logos para Aristóteles seja uma enunciação, uma fórmula, uma explicação, um discurso explicativo ou um conceito.

Para Donald Schuler (1998), Platão ressuscita mortos ilustre como: Pitágoras, Parmênides, Protágoras, Gorgias. Neste sentido de trazer à vida falas que já não fazem mais parte do quotidiano, o discurso opera como um remédio que restaura a linguagem desvirtualizada que renasce em Sócrates como linguagem escrita. E apesar de combater a linguagem das Musas, Platão reinventa a oralidade que lembra a espontaneidade dos cantos heróicos.

“Da união do mythos com o logos, Platão obtém resultados benéficos a ambos. O logos, reduzido ao cálculo, exclui as imprecisões da vida cotidiana impregnada de paixões ou se configura como uma arma no exercício político de oradores sagazes. Sem o logos, o mythos, rico de experiências vividas, perde a possibilidade de refletir sobre suas bases inseguras, convertendo em dogma o que não é mais que tentativa de acerto. Celebrada a aliança, Platão migra do conhecimento rigoroso (episteme) à conjectura (doxa), além de proporcionar ao pensamento abstrato um campo de operação concreto, as suas obras de ficção, os diálogos.

Cabendo ao mito dizer o que os olhos não vêem, Platão adere ao mito, reflete sobre o mito e produz mitos. O pensador se comporta como mitólogo não só quando inventa narrativas que se aprofundam nas origens. Mitos são os seus diálogos enquanto peças inventadas. Míticas são suas personagens, sem excluir Sócrates repetidas vezes reinventado para fins precisos”¹⁴.

Contra o discurso limitado dos Sofistas, o diálogo socrático representa o discurso sem limites. Ao ser desafiado Platão oferece a sua resposta que se transmuda nos diferentes diálogos. No Menon responde-se sobre a natureza da virtude, na República a questão é a justiça. No Banquete surge o desejo de saber sobre o amor. Crátilo responde às dúvidas sobre a linguagem. Os diálogos que saem da verve de um homem sem apego a prestígios ou favores respondem, pela demonstração, à crise de uma Atenas derrotada na guerra do Peloponeso, momento de crise e de dúvidas.

A palavra e seu poder.

¹⁴ SCHÜLER, Donald. 1998.

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.
- BARTHES, Roland. *Mitologias* Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1989
- COLLI, G. *O Nascimento da Filosofia*. Campinas, Ed. Da UNICAMP, 1996
- CRÁTILLO-PLATÃO *Diálogo sobre a Justeza dos Nomes*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1994 (tradução do grego Pe. Dias Palmeira)
- CRATILO, PLATÃO – Notas e tradução de NUNES, Carlos Alberto. Belém, Universidade Federal do Pará, 1973
- DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade Na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1988
- DIÓGENES LAÉRCIO *Vidas Opiniones y Sentencias de los Ffilósofos más Ilustres*. Buenos Aires, El Ateneo Ed. 1947
- GLOTZ, Gustave. *A Cidade Grega*. Rio de Janeiro, DIFEL, 1980.
- GRAVES, Robert. *The Greek Myths*. England Penguin Books, 1968
- HESÍODO. *Teogonia. A Origem dos Deuses*. Estudo e Tradução de J.A.A Torrano, S.P. Iluminuras 1991.
- HOMERO-*Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes, Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.
- HOMERO- *Iliada* Tradução de Carlos Alberto Nunes, Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.
- KIRK, G.S. *The nature of Greek Myths*, Harmondsworth, Penguin Books Ltda. 1985
- KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Lisboa, ed. 70. 1983.
- LEROY, Maurice *As grandes correntes da Linguística Moderna*. S. Paulo, Cultrix, 1978.
- PLATÃO. *A República* Tradução (direta do grego) por Carlos Alberto Nunes. Belém, Ed. da UFPA, 2000.
- PLATÃO. *Fedro ou da Beleza*. Tradução e Notas de Pinharada Gomes. Lisboa, Guimarães Editores, 2000
- SCHULER, Donald. *Mythos e Logos nos Diálogos Platônicos*. Letras Clássicas no. 2. São Paulo, Humanitas, 1998
- SCARBOROUGH, Milton. *Myth and Modernity- Postcritical Reflections*, N.York, State of New York University Press, 1994.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do Pensamento Grego*, S. Paulo, Difel, 1981
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.